

TRABALHANDO COM A ARTE CONTEMPORÂNEA NA PRÉ- ESCOLA: OS BICHOS DE LYGIA CLARK

Letícia Britto e Renata A. Requião

britto_leticia@yahoo.com.br
ar.renata@gmail.com

Resumo: O presente artigo apresenta um recorte da pesquisa em andamento, desenvolvida durante o curso de Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. A pesquisa trata sobre o ensino de arte contemporânea para crianças de pré-escola, dando ênfase para o lúdico e as experiências estéticas que este tipo de arte proporciona. Para isso foram feitas 8 oficinas em uma turma de pré-escola de uma instituição municipal de Pelotas, onde foram trabalhados diferentes artistas considerados contemporâneos e suas obras, neste artigo é apresentada a oficina que trabalhou com as obras da artista brasileira Lygia Clark, dando ênfase para a série “Bichos”. Foram utilizados como referenciais teóricos para esclarecer sobre a arte contemporânea e sobre a obra de Lygia, os textos de Katia Canton, Anne Cauquelin, Renata Sant’Anna e Valquíria Prates. Com relação à experiência estética utilizo os textos de Walter Benjamin, Jorge Larrosa e Jean Claude Passeron. E sobre o lúdico são utilizados os textos de Fayga Ostrower e Paulo de Tarso Cheida Sans.

Palavras-Chave: Infância, Experiência Estética, Lúdico.

INTRODUÇÃO

A Estética, para além da cognição racional e sistematizável, permite uma conscientização sobre todo o universo que chega a nós por meio dos sentidos e da fruição especificamente associada à experiência estética, pois leva em conta a situação pessoal e histórica de cada um (Passeron, 1997). Associada à categoria da “experiência”, nos termos benjaminianos, interessou a esta pesquisa, desenvolvida no curso de Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, oferecer, sob a forma de oficinas, *experiências estéticas* às crianças de uma turma de pré-escola da Escola Municipal Piratinino de Almeida. É durante os anos iniciais, que a imaginação ainda está em fase de formação, estando, portanto, livre aos estímulos externos. Sob um olhar antropológico, buscou-se observá-las, registrando o próprio momento da experiência, tendo como objetivo geral descobrir quais atividades relacionadas à Arte Contemporânea impactam as crianças, assim como reconhecer quais são e como se dão as produções de sentido das crianças quando estimuladas pela Arte Contemporânea, buscando compreender com que alternativas as crianças trabalham cognitivamente.

Portanto, cabe aqui observar quais atividades estimulam as experiências estéticas, levando em conta as características das experiências em Artes Visuais que são

marcantes para a criança, aquelas capazes de estimular seu maior interesse. Considerando que a experiência com a arte, é capaz de repertoriar a um indivíduo, além de se oferecer como uma espécie de reservatório à aquisição de um farto e complexo imaginário, interessa investigar de que maneiras a produção das Artes Visuais na contemporaneidade é útil na ampliação de sentidos da criança, e de que modo tal aquisição de experiência pode participar no desenvolvimento da criança. Há aqui claramente delineado um desejo de investigar como é possível, e mesmo se é possível, alfabetizar esteticamente as crianças, através das atividades oferecidas pelas oficinas. A fim de alcançarmos estes objetivos, foram aplicadas oito (8) oficinas de Artes Visuais, a partir de repertório escolhido por entre obras produzidas na contemporaneidade brasileira, sempre comparadas à arte internacional. Neste artigo será apresentada uma das oficinas propostas na escola, tendo como base a obra da artista contemporânea brasileira Lygia Clark.

A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E O LÚDICO NA ARTE CONTEMPORÂNEA

A sociedade contemporânea é marcada pela evolução dos meios de comunicação, das novas mídias e tecnologias, pela organização de grupos sociais, que auxiliaram no desenvolvimento de discussões que problematizaram diversos temas sociais, políticos e artísticos. As questões tratadas nas discussões artísticas contemporâneas extrapolam os temas modernos, porém não os excluem, pois permanecem atrelando a arte às características presentes no mundo, como a natureza, a sociedade, a realidade das cidades, a revolução tecnológica, o corpo, a política, a ética, o tempo, a memória, a identidade, o espaço e o lugar, enfim temas que muitas vezes nos parecem complexos, mas que na realidade formam nossas vidas, nosso cotidiano. Cauquelin (2005, p.127-130) confirma a união entre os elementos modernos e contemporâneos ao afirmar que, “os valores da arte moderna e os da arte [...] contemporânea, estão lado a lado, trocam suas fórmulas, constituindo então, dispositivos complexos, [...], sempre em transformação.” Segundo a autora esta combinação entre o tradicional e o novo, caracteriza o que se convencionou chamar de pós-moderno, conceito extremamente discutido, criticado e utilizado por diversos teóricos e críticos de arte, que na opinião de Cauquelin, não suporta, nem abarca todas as mudanças sucedidas pela arte moderna do anos 50. Sendo assim, seu sentido ainda é restrito para definir a forma de arte que assinalou o ponto de ruptura com o modernismo, e isso demonstra as tensões para tratar da atualidade artística.

Arte contemporânea é o período artístico que teve início em meados da década de 60, com movimentos artísticos como a pop art, dadaísmo, minimalismo que romperam com as temáticas geralmente trabalhadas pelos artistas modernistas, como por exemplo, a vida urbana, a burguesia e a classe proletária, a revolução industrial, a representação do povo e do cotidiano urbano, tratando muitas vezes sobre temas próximos aos modernos, como o cotidiano, mas de uma forma mais crítica, não apenas como um observador da sociedade e da natureza, mas como um ser pertencente à sociedade. Passaram também a trabalhar com temas voltados para a arte e seu conceito, seu mercado e sistema, e, também por este motivo adotaram materiais e técnicas que pudessem melhor representar seus questionamentos, críticas e reflexões. Com isso os padrões da arte moderna, que se fundamentavam na divisão da arte em linguagens como

pintura, escultura, gravura e desenho, foram extrapolados, exterminando com as formas de classificação de obra de arte até então adotadas, sendo que uma infinidade de técnicas, linguagens e materiais novos passaram a ser utilizados pelos artistas ao comporem suas obras. O desenho, a pintura, escultura e gravura deixaram de ser as únicas formas de expressão dos artistas, e foram mesclados à música, à dança, à fotografia, ao cinema, ao teatro, à literatura, entre outros. Os *ready mades* de Marcel Duchamp, são exemplos de como até mesmo objetos prontos, industrializados, passaram a não só compor as obras, mas “ser a obra”, essa transformação no cenário artístico provocou questionamentos sobre a representação artística, sobre o sistema da arte, e até mesmo sobre a definição do que pode ser considerado arte.

Para Canton (2009. p.49), a arte contemporânea toma forma a partir de uma negociação constante entre arte e vida, vida e arte. Segundo a autora, o que potencializa esta arte são as inter-relações entre as diferentes áreas do conhecimento humano. Desta forma a arte contemporânea, se configura como propulsora de experiências marcantes e significativas não só para jovens e adultos, mas para as crianças, principalmente por se tratar de uma forma de arte que trabalha intensamente com a dimensão sensível e corporal, juntamente com a memória, o imaginário, e o lúdico. Certamente o lúdico é algo intrínseco na criança, ela vive no mundo de forma lúdica, por meio de sua imaginação, de jogos e brincadeiras, é assim que ela se expressa e é assim que aprende a se relacionar com as outras pessoas e com o ambiente. Como afirma SANS (1994. p. 23 e 42) “o adulto é reflexo de sua infância” e “a fase adulta é continuidade da infância. Elas não são duas formas distintas, mas se completam e se integram, pois fazem parte da unicidade que é a pessoa”, por isso é preciso que pais, professores e demais responsáveis auxiliem o desenvolvimento do lúdico na educação da criança, a fim de que ela não perca sua imaginação, sua forma de criação e expressão. A arte, contemporânea constitui-se grande provocadora de experiências estéticas e lúdicas. Pois é rica em temas, materiais, formas e aspectos que instigam não só o olhar, mas o fruir, o sentir, o criar e o expressar.

A experiência estética é eficaz para o ensino de artes visuais e para o desenvolvimento do interesse da pessoa pela arte. De acordo com Benjamin (1994, pág. 198), é toda experiência significativa o bastante para que seja narrada pelo homem. A experiência estética ocorre quando uma pessoa vivencia algo que a toca profundamente, atingindo seus sentidos seja de forma boa ou ruim, ela ocorre desde que haja uma tomada de consciência dos sentimentos e produza uma reflexão sobre o acontecido e conseqüentemente sobre a vida. Na escola, ao proporcionarmos experiências estéticas para as crianças, elas poderão tomar conhecimento, por meio da arte contemporânea, das particularidades da arte, das formas de expressão humana, dos materiais utilizados, sejam eles industriais ou naturais, assim como dos temas trabalhados em cada obra. Tudo isso amplia o mundo da criança, pois extrapola a ação mecânica de simplesmente pintar um desenho pronto, a arte contemporânea abre um leque de possibilidades de ação e reflexão para a criança, torna seu crescimento completo, pois auxilia em seu desenvolvimento em diversos âmbitos, artístico, criativo, reflexivo, comunicativo, expressivo, motor, entre outros. Larrosa (2006, pág. 87), afirma que a experiência tem diversas possibilidades no campo educativo, e que neste âmbito deve se tomar cuidado com a forma de utilizar tal conceito, pois muitas vezes a palavra experiência é utilizada sem consciência, muitas vezes ela é usada erroneamente como sinônimo de vivência. Larrosa afirma que a experiência é “isso que me passa”, ou seja, é algo que somente a pessoa será afetada pela experiência que viveu, pois não é algo que simplesmente

acontece a qualquer um, mas o que acontece à pessoa como indivíduo. Dessa forma, a experiência supõe um acontecimento, e este acontecimento não depende da pessoa, nem da sua vontade, nem do seu querer ou do seu poder.

A fim de observar na prática como se dá uma metodologia de ensino de artes visuais contemporâneas para a pré-escola, considerando a criação de cada uma das atividades, a proposição destas para as crianças e conseqüente prática e resultados, foram desenvolvidas oito (8) oficinas em uma turma de pré-escola da Escola Municipal de Ensino Fundamental Piratinino de Almeida, nos meses de março e abril de 2013. Tendo como base o método de investigação antropológica, que busca observar a partir de si mesmo, considerando cada realidade, num esforço para deixar de lado as expectativas próprias do pesquisador. A seguir será apresentada a primeira oficina trabalhada na escola, que tem como base para suas atividades a série de esculturas interativas “Bichos” da artista Ligia Clark.

Dobrando o Bicho

A primeira oficina desenvolvida na classe de pré-escola que participou da pesquisa teve como objetivo geral iniciar a turma ao conceito de Arte. Como objetivos específicos, esta oficina buscou descobrir a opinião que as crianças apresentam sobre a arte; desenvolver relações entre o real e o imaginário; instigar a simplificação, abstração e improvisação criativa. Ao questioná-los sobre o que era arte, praticamente todos falaram que não sabiam o que era. Sendo assim, ao longo das oficinas busquei passar a ideia, de forma bem simplificada, de além de ter técnicas específicas para ser produzida, a arte acima de tudo é o objeto resultante da expressão da subjetividade humana; um produto cuja fruição depende não apenas de uma mera recepção sensorial, mas de uma afinada percepção, cognitivo-sensível, que deve ser estimulada e desenvolvida.

A artista contemporânea que motivou esta oficina foi a brasileira Lygia Clark (Belo Horizonte, MG. 1920 - 1988), tendo como base as obras da série “Bichos”. Lygia foi uma das fundadoras do grupo *Neoconcreto*, que buscou desenvolver obras que trabalhassem com a experimentação, proporcionando a integração entre o artista, sua obra e o público. Com isso a artista gradativamente passou da pintura para a criação de objetos tridimensionais interativos. A série “Bichos”, criada em 1960, trata-se de uma das primeiras séries destas obras tridimensionais produzidas pela artista. Os objetos eram feitos de placas de metal, com dobradiças que possibilitavam o contato do público, que podia articular e reconfigurar cada uma das peças, tornando-se assim coautores da obra, como podemos ver na Figura 1, abaixo. As obras de Lygia associam o corpo à arte, ao expandir as formas de percepção sensorial. Devido a tantas inovações e quebras de paradigmas no cenário da arte, a produção de Lygia Clark tornou-se reconhecida e respeitada nacional e internacionalmente.



Figura 1: O público interagindo com alguns dos “Bichos” de Lygia Clark.
Fonte: <http://doividiana.files.wordpress.com/2012/11/imagem-002.jpg>

Após conversa inicial com a turma sobre a arte e sobre os bichos presentes em nossa vida e em nossa imaginação, mostrei algumas imagens dos “Bichos” de Lygia Clark. As crianças relacionaram as obras da série com o que eles chamaram de *bichos-robô*. Considerando a oportunidade, solicitei que cada um criasse o seu *bicho-robô*, por meio da dobradura de uma folha de ofício. A dobradura foi a técnica escolhida que melhor se adaptou à técnica utilizada pela artista, pois apesar de não apresentar tanta mobilidade como as dobradiças dos “Bichos”, a dobradura permite uma aparência e movimentação próxima a deles, e como vemos na Figura 2, logo abaixo, produziu uma visualidade bem interessante ao trabalho das crianças, lembrando as formas de animais.



Figura 2: Os *Bichos-Robô*, criados pelas crianças tendo como base os “Bichos” de Lygia Clark, adquiriram uma visualidade interessante, devido às dobraduras, que lembra os trabalhos da artista. Fonte: Arquivo da Pesquisadora.

Ao terminarem seus trabalhos, percebi que as crianças começaram a brincar com seus *bichos-robô*, o que acredito ser bastante significativo, pois, de acordo com Sans (1994, p. 21), a criança brinca com algo quando sente prazer e satisfação. Viver de modo lúdico faz parte da natureza da criança e de sua forma de lidar com o mundo. A brincadeira para a criança é algo extremamente importante, sendo assim acredito que, de alguma forma, elas estabeleceram uma relação próxima com o objeto criado.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa não visa ensinar conteúdos e conceitos de artes para as crianças, nem mesmo fazer com que abrupta e magicamente, a criança passe a se envolver pela arte. Busco proporcionar um alargamento em seu conhecimento visual, o prazer da experiência e o pensamento poético próprio da arte contemporânea, para que elas possam reconhecer as imagens de arte vistas nas oficinas e quem sabe até, em um momento futuro, tenham seu interesse pela arte despertado ou ampliado. As obras interativas de Lygia Clark ao permitirem a interação do sujeito com o objeto proporcionam a tomada de consciência sobre nossas ações, nossos sentidos e pensamentos. A série “Bichos” expande a oportunidade de se ter experiências estéticas e lúdicas, pois estabelece certa relação entre o imaginário que envolve a figura do “bicho”, tão presente na infância, e o ato de movimentar e reposicionar a obra, criando seu próprio “bicho”. Acredito que não é possível medir os resultados relacionados ao desenvolvimento expressivo e cognitivo das crianças ou à valorização da arte. Seria algo que só no futuro se poderia vir a identificar. Caso eu tivesse a oportunidade de reencontrar estas crianças e investigar se elas possuem alguma lembrança das oficinas e

se houve alguma repercussão em suas vidas. O que posso considerar no momento é que todos aqueles que participaram das oficinas tiveram algum contato e certa experiência com a Arte Contemporânea. Isso poderá auxiliar na relação destas crianças com a arte, incorporando em suas vidas os saberes que só a arte proporciona. O ideal é que elas permaneçam tendo este tipo de atividades e educação estética desde a pré-escola até o fim de seu ensino fundamental e médio, para que a arte possa realmente fazer parte de sua vida e ser valorizada por eles.

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança o brinquedo e a educação**. Tradução Marcus Vinicius Mazzari. 34ed. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

CANTON, Katia. **Do moderno ao contemporâneo**. Coleção temas da arte contemporânea. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea – uma introdução**. Tradução Rejane Janowitz. 1ª Ed. São Paulo: Martins, 2005.

LARROSA, J. Sobre la experiencia. **Aloma: Revista de Psicologia, Ciències de L'Educació i de L'Esport**, Blanquerna. n.19, 2006. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/Aloma/article/viewFile/103367/154553>. Acesso em: 20 de novembro de 2012.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1989.

PASSERON, R. Da Estética à Poiética. **Revista Porto Arte**. Porto Alegre, v.8, n.15, p.103-116, nov. 1997. Online. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/27744/16346>>. Acesso em: 10 de julho de 2012.

SANT'ANNA, Renata. PRATES, Valquíria. **Lygia Clark: linhas vivas**. Coleção Arte à Primeira Vista. São Paulo: Paulinas, 2009.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. **A criança e o artista: Fundamentos para o Ensino das artes plásticas**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.